

4701280 - DIVERSIDADE

Matrizes compreensivas: os estruturalismos

Docente responsável: Danilo Silva Guimarães

(CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9266781984642215>)

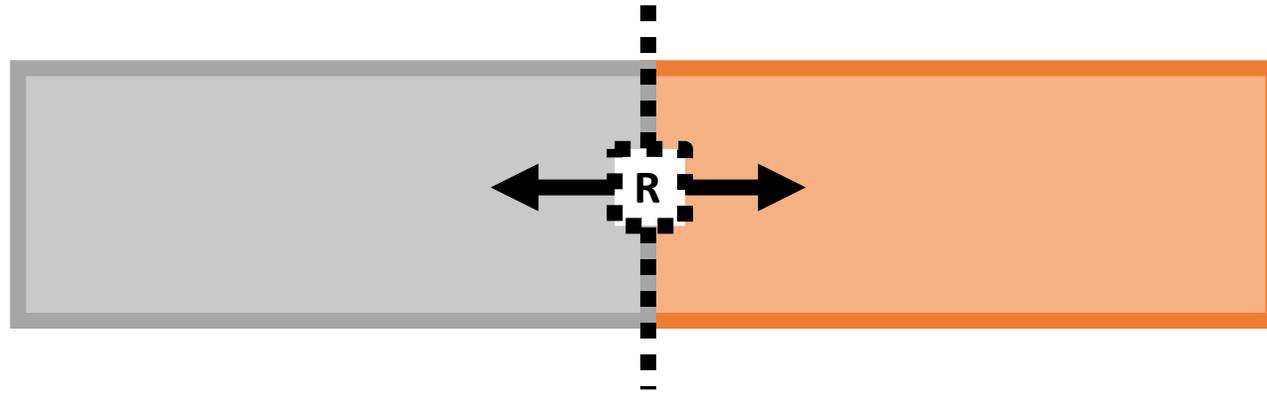
Monitor PAE: José Henrique Parra Palumbo

Estrutura no funcionalismo e na matriz compreensiva

Como em relação ao historicismo idiográfico e o funcionalismo encontramos aproximações e afastamentos. Entre os estruturalismos e o funcionalismo encontramos outras aproximações e afastamentos. Cabe lembrar que o funcionalismo articula três dimensões essenciais para o conhecimento dos organismos, ao lado a função e da gênese está a estrutura. Figueiredo destaca que a noção de organismo está presente também no ideário romântico, com enfoque antielementarista, globalizante e sistemático, contudo: na biologia, a funcionalidade entendida como complementaridade harmônica entre as partes de uma estrutura se opõe à disfuncionalidade (patologia).

Interdependência X complementaridade

No romantismo, as noções de organismo, totalidade ou forma supõem a interdependência, mas não a complementaridade, e não excluem o conflito. O organismo é uma totalidade expressiva, uma linguagem natural ou cultural em que se podem ler as mensagens produzidas pelas forças da natureza e do espírito frequentemente em luta umas com as outras.. Enquanto mensagem, o “organismo” deve ser decifrado, e diante da tarefa compreensiva e interpretativa as diferenças são ressaltadas e adquirem uma imensa importância metodológica”. (Figueiredo, 1989/2013, p. 152);



[...] to be separated from the other does not mean to become isolated from that other, but merely to set up conditions for their relationships to develop. It is an advantageous developmental life situation where it is allowed to the I to be touched by the strangeness of the Other; where it is allowed to the I to transform himself in struggle for overcoming the Other's strangeness, while both are trying themselves as a discrete agents, although dependent on the relationship (Simão and Valsiner, 2007, p. 397).

Busca por critérios positivos

A grande dificuldade era encontrar para essas ciências [morais, que tomam como objeto as visões de mundo, as línguas nacionais, as mitologias, os sistemas jurídicos, as teologias, as personalidades históricas etc.] critérios positivos cuja aplicação discriminasse o verdadeiro e o falso. Os estruturalismos nasceram no contexto dessa problemática e formam o conjunto de soluções mais rigoroso do ponto de vista metodológico. (Figueiredo, 1989/2013, p. 153)

Distinguem-se do positivismo cientificista “pela persistência em considerar as noções de “significado” e de “sistema simbólico” como definidoras de seus objetos específicos”. (Figueiredo, 1989/2013, p. 153)

Significado e código

[...] os estruturalismos reterão da velha problemática compreensiva as noções de significado e sistema, mas acrescentarão a noção de código. Este (que receberá diversos nomes dentro das abordagens estruturalistas) é um conjunto de regras que orientam a elaboração das mensagens e sua decifração. O código tem ele mesmo um caráter sistemático e produz fenômenos também dotados de forma e significado. Há assim dois níveis de organização: um empírico, em que a organização aparece nas interconexões das ocorrências do mundo fenomenal, nas formas que se oferecem à consciência; um outro, teórico e construído (jamais vivenciado) em que a organização se manifesta no processo de dotação de forma e sentido. É a este nível—*profundo e inconsciente*—que se voltam preferencialmente os estruturalismos [...]. (Figueiredo, 1989/2013, p. 154)

Decifração da estrutura profunda universal

Se os códigos são universais é possível, mediante regras de transformação, explicar a partir de um conjunto finito e unitário de regras e de elementos básicos a diversidade infinita das formas. A compreensão das diferentes formas simbólicas, das mais semelhantes às mais afastadas do universo comunicativo do intérprete, torna-se possível—sem perda da individualização da mensagem nem da cientificidade da interpretação—quando se reconstrói o sentido a partir da estrutura profunda que a gerou esta é compartilhada por toda a espécie humana. (Figueiredo, 1989/2013, p. 155)

Decifrar: Raízes na antiguidade I

Para os antigos povos da Mesopotâmia (assírios e babilônicos), uma imagem tinha uma natureza indexical “[...] elas funcionavam por meio de uma relação de contiguidade com o significado” (Bahrani, 2008, p. 51). Imagens e enunciados verbais não eram considerados cópias ou simulacros da realidade, mas parte da própria realidade com poderes e capacidades substitutivas e equivalentes em relação aos seus agentes. Nesse tempo e espaço histórico, as regras fundamentais da Guerra incluíam práticas de abdução de imagens de deuses e reis durante as batalhas, a retirada de monumentos com o objetivo de destruir as imagens dos inimigos. Os mesopotâmicos apreendiam o mundo em sua plasticidade como um texto a ser decifrado. O trabalho de decifrar, nas previsões divinatórias envolviam uma leitura exegética, principalmente conduzida por sacerdotes, que seguiam códigos previamente estabelecidos e que eram pressupostos como imbricados na natureza (Bahrani, 2008).

Decifrar: Raízes na antiguidade II

Em contraste, a semiótica dos antigos Gregos estabelecia uma distinção entre a representação e o original. A atividade intelectual reflexiva (*Noûs*) passou a ser considerada o modo mais elevado pelo qual a verdade era revelada (Gadamer, 1981/2010a). Tomando em consideração as teorias analógicas e substitutivas da metáfora, propostas por Aristóteles, a construção de uma representação destacada da realidade possibilitaria a apreensão de significados similares a partir de um mesmo significante.

Decifrar: Raízes na antiguidade III

Tal definição enseja duas observações principais:

- a) por Aristóteles o termo metáfora, literalmente "transposição", é aplicado a qualquer figura de estilo. Será a Retórica posterior que distinguirá a metáfora da metonímia, da sinédoque e de outros tropos;
- b) esta transposição tem por objeto o nome, sendo a metáfora considerada uma figura "de palavra": um termo é substituído por outro diferente, signo de outra coisa. A substituição do nome pode se dar ou por desvio, ou por empréstimo ou por lacuna lexical ou por semelhança. Explicar a metáfora implica em descobrir o termo próprio ausente, substituído pelo termo figurado. (d'Onofrio, 1980)

Decifrar: Raízes na antiguidade IV

Para os gregos, o mundo e suas imagens precisavam ser decifrados para que pudéssemos apreender o real significado das coisas. Ao passo que para os mesopotâmicos, haveria uma codificação básica imbricada nas paisagens ou escrituras; para os gregos, em vez de contiguidade, as imagens poderiam se constituir como representações de um termo ausente permitindo o estabelecimento de correspondências com o mundo.

Exemplos de influência dos estruturalismos nas ciências semiológicas

[...] que tem como objeto os sistemas de signos e de comunicação:

- Psicologia da forma;
- Formalistas russos;
- A linguística de Saussure;
- A gramática gerativa (Chomsky);
- Psicologia, antropologia;
- Psicanálise.

Crítica ao isomorfismo psicofisiológico

Este é um fato notável, desde o ponto de vista metodológico, e um argumento decisivo para a teoria da Gestalt. **O princípio de estudo é igual para o físico, o orgânico e o inorgânico, o que significa que a psicologia se introduz no contexto das ciências naturais e que a investigação psicológica é possível dentro de princípios físicos.** Em lugar da absurda união do psíquico e do físico como elementos absolutamente heterogêneos, a teoria da Gestalt afirma sua conexão. São partes de um todo.

[...] *Aparentemente* isto está em contradição com a teoria da Gestalt sobre as reações fenomênicas, sobre a introspecção, mas apenas aparentemente, porque para os psicólogos dessa escola a psique é *parte fenomênica do comportamento*. Em resumo, a escola da Gestalt elege desde o princípio *um dos caminhos*, e não o terceiro. (Vigotski, 1927)

Crítica à linguística estruturalista I

A linguística clássica do século XIX – a começar por W. Humboldt -, sem negar a função comunicativa da linguagem, empenhou-se em relegá-la ao segundo plano, como algo acessório; passava-se para o primeiro plano a função formadora da língua sobre o pensamento, independente da comunicação. Eis a célebre fórmula de Humboldt: “Abstraindo-se a necessidade de comunicação do homem, a língua lhe é indispensável para pensar, mesmo que tivesse de estar sempre sozinho. (Bakhtin, 1992, p. 289)

Crítica à linguística estruturalista II

[...] a oração como unidade da língua, é de natureza gramatical e tem fronteiras, um acabamento, uma unidade que se prendem à gramática (é no interior de todo enunciado e do ponto de vista desse todo que a oração alcança propriedades estilísticas). Onde a oração figura a título de enunciado completo, parece encravada num material de natureza totalmente estranha. Ao se ignorar esses fatos na análise da oração, deforma-se a natureza da oração (e, portanto, do enunciado que se gramaticaliza). Muitos lingüistas (no campo da sintaxe) são prisioneiros dessa confusão: o que estudam como oração é, na verdade, uma espécie de *híbrido* da oração (unidade da língua) e do enunciado (unidade da comunicação verbal). As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente lingüística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que um enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece, sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal. (Bakhtin, 1992, p. 326).

Crítica à linguística estruturalista III

O enunciado, entretanto, possui uma relação direta com a realidade, com a situação transverbal e a alternância entre os falantes (BAKHTIN, 1992). O locutor ao se expressar, articula as orações de modo a constituir um sentido para o outro, em uma dimensão contextual que excede tanto um quanto o outro. A perspectiva que adota a compreensão da linguagem como transverbal ou extratextual, implica, necessariamente, a condição social da obra e da expressão (BAKHTIN, 1992; WERTSCH, 1991). A alternância entre sujeitos falantes, por sua vez, compõe o contexto do enunciado. O acabamento do enunciado é comumente marcado por uma totalidade expressiva de alguém, que nos remete à possibilidade de respondê-lo.

A variação mítica como reflexão, Saéz (2002)

p. 7, 8. 27. 28.

Referências:

- Bakhtin, 1992;
- Bahrani, 2008
- d'Onofrio, 1980
- Figueiredo, 1989/2010
- Gadamer, 1981/2010
- Saez, 2002
- Simão e Valsiner, 2007
- Vigotski, 2917
- Wertsch, 1991